

---

**ÉTICA CRISTÃ NA INTERNET: O USO CONSCIENTE DA REDE**

Márcio Giovane Rosa Araújo  
Oslei do Nascimento  
Sérgio Adriano Ribeiro  
Leandro Henrique Magalhães

**RESUMO**

A sociedade sofreu mudanças estruturais com o avanço tecnológico, destacando-se o uso da *internet*, que tudo informa e se comunica via redes sociais, foi potencializado com o advento da pandemia do COVID-19 que nos obrigou a ficar em casa. Assim, a ética cristã na *internet* e o uso consciente na rede se fazem necessários entendê-los para corretamente discernir a Palavra. A vida comunicada pela rede de computadores (*internet* e redes sociais) realiza uma promoção ao novo relacionamento virtual ser o mesmo ou mais importante que o relacionamento presencial, e, a partir desta apologia, não só novos erros humanos são expostos como a gestão da aparência, mas também novos erros teológicos são divulgados: Ciberteologia e Igreja-Empresa. Com o uso da *internet* e das redes sociais, ocorrem doenças como a nomofobia. É desenvolvido um olhar crítico à vida comunicada pela *internet* à luz dos novos conceitos de ética e da própria ética cristã: A intenção em foco no uso consciente da rede.

**Palavras-chave:** Ética cristã na *internet*. Gestão da aparência. Ciberteologia. Igreja-Empresa.

**ABSTRACT**

The society has undergone structural changes with technological advance, standing out the use of the Internet, that everything informs and communicates via social networks, which was boosted by the advent of the COVID-19 pandemic that forced us to stay at home. Thus, Christian ethics on the Internet and the conscious use on the network are necessary understand them to correctly discern the Word of God. The life communicated by the computer network (Internet and social networks) promotes the new virtual relationship being the same or more important than the presential relationship, and, from this apology, not only human new errors are exposed like the appearance management, but also theological new errors are disclosed: Cybertheology and Church-Enterprise. With the use of the Internet and social networks, diseases such as the nomophobia occur. A critical look at life communicated over the Internet is developed in the light of new concepts of ethics and Christian ethics itself: The intention in focus on the conscious use of the network.

**Keywords:** Christian ethics on the Internet. Appearance management. Cybertheology. Church-Enterprise

## **1 INTRODUÇÃO**

A sociedade sofreu mudanças estruturais com o avanço tecnológico, principalmente depois do confinamento ante a pandemia do COVID-19 (OMS, 2021) que potencializou o uso da *internet* que tudo informa e comunica, porém, nem sempre de forma ética e com credibilidade. A vida comunicada pela rede de computadores (*internet* e redes sociais) promove o novo relacionamento virtual como sendo o mesmo ou mais importante que o relacionamento presencial, e, a partir disso, não só novos erros humanos são expostos como a gestão da aparência, como também novos erros teológicos são divulgados como a Ciberteologia e a Igreja-Empresa, além de novas doenças como a nomofobia. Para discernir a Palavra nesse meio, é percorrido um olhar crítico à vida comunicada à luz da ética cristã: O uso consciente da rede.

## **2 O QUE É ÉTICA CRISTÃ?**

194

Este trabalho foca no aspecto objetivo da rede de computadores, e não no subjetivo e complexo. Logo, as definições utilizadas não são completas, carecendo de maiores estudos de ciências humanas, exatas e biológicas acerca do assunto.

A Semiótica de Roland Barthes foi escolhida como ferramenta para didaticamente separar a forma do conteúdo, tomando as mais simples definições destas, porém, as tratando necessariamente em conjunto, de forma prática e objetiva no processo de conscientização que serve de pilar para que se haja ética, seja ela ou não cristã, e de maneira independente da referência ser o mundo real ou o de rede.

A ética cristã pressupõe que há uma relação válida e estrita entre Deus e o homem, e, geralmente, dá essa prioridade sobre as relações das pessoas entre si (TAYLOR, 1994). A ética cristã trata dos princípios morais que são derivados da fé cristã, contrastando com a ética geral que é antropocêntrica e comportamental.

Por exemplo, a Bíblia (BÍBLIA, 1993) diz que devemos seguir as autoridades que Deus tem estabelecido (Rm 13:1), quer seja ou não do partido de nosso agrado. Isto é conscientização e entendimento do princípio da Palavra de

maneira ética e cristã. De outro modo, ocorre a falha da ética cristã (na rede), como veremos a seguir.

A falha da ética com o homem, presencial ou em rede, ocorre quando a este lhe fere a conduta, transgride um princípio moral, mudam os valores, suprime o costume, ou ignora o comportamento local em uma determinada época. A falha da ética cristã (na rede) ocorre quando o homem peca (tipicamente na *internet*), seja alterando os Valores revelados por Deus (por desobediência ou por ação não intencional [*animus*] em Cristo Jesus) ao ser comunicado um evangelho barato, ou por **inexistir comunicação consciente** (que produz a falha da ética [cristã]).

### 3 O QUE É REDE DE COMPUTADORES?

Segundo Liane R. Tarouco e outros, a rede de computadores (ou simplesmente “rede”) ou malha ou ainda chamada de teia, é nome da disposição física de computadores e de máquinas dedicadas a se comunicar, visando a troca de informações. A rede compartilha recursos de: Banco de dados, impressoras, telefonia, geoposicionamento e mensagens, dentre outros recursos (TAROUCO *et alii*, 2021).

A palavra “rede” é genericamente utilizada quando há a possibilidade efetiva de comunicação entre um elemento de rede e outro, trocando informações entre si e compartilhando recursos, em suma, promovendo alguma forma de comunicação próxima (aqui, tipicamente pela rede local), ou remotamente (lá, tipicamente pela *internet*). Um elemento de rede pode ser: Um computador servidor de comunicação (potente ou não), um *hardware* específico (unidade de apoio de rede), um computador pessoal, um *smartphone*, um GPS, uma *smart TV*, e etc.

Com o uso de aplicativos eletrônicos de comunicação, nasceram as “redes sociais”, típicas do século XXI. Nessas, os usuários podem reencontrar “amigos” e encontrar “novas pessoas”, ampliando o “círculo social virtual”. Cria-se um perfil, e começa o processo de comunicação: Trocar informações de: Texto, áudio e vídeo, visando crescer o “vínculo relacional **virtual**” a uma outra “**pessoa**” via critério

pessoal, mas chamo este vínculo de “**conexão digital**”, haja vista que a “**rede social**” em si, em termos objetivos, não é uma pessoa propriamente dita, mas aparenta ser.

No final do século XX, a palavra “virtual” tinha o entendimento simples de ser um adjetivo, ou, de uma locução adverbial modal: “**de mentira; como se assim fosse**” (OLIVEIRA, 1985). Recentemente, “virtual” está associado àquilo que tem existência aparente: Não propriamente real, nem física. Eis um ponto que cabe a distinção ética no uso consciente da rede e de suas “virtuais” relações. São exemplos, por número decrescente de usuários, as sete maiores redes sociais hoje: *YouTube, Facebook, WhatsApp, Instagram, Messenger, Twitter e LinkedIn*, dentre outras (COSTA, 2019).

A rede não é segura. É necessário não só o uso de estrutura eletrônica de proteção, como também valer-se de discernimento e uso ético. Os principais riscos na rede de computadores (*internet* e redes sociais) são: **1)** invasão de privacidade: Danos à imagem e à reputação; **2)** vazamento de informações: Contato com pessoas mal-intencionadas; **3)** perfis falsos (*fakes*); **4)** notícias falsas (*fake news*); e **5)** comunidades polêmicas e discriminatórias: Imoralidade e preconceito.

196

### 3.1 CARACTERÍSTICAS OBJETIVAS DA REDE

Para que haja discernimento e uso ético, é importante saber que a rede: **a)** não é viva: Tem “memória”, mas não da mesma forma que o homem tem; **b)** não toma decisões: Elementos de rede, sem vida, não julgam; **c)** é um **não-lugar** (BAUMAN, 2001): Por não existir geograficamente, não têm pessoas reais; **d)** não têm pessoas reais: Há representações digitais da personalidade – os contatos; e **e)** não permite relacionamento: Conexão digital não é relacionamento real.

## 4 A INSEPARABILIDADE ENTRE FORMA E CONTEÚDO

A decomposição da mensagem (signo) em “forma” e “conteúdo” é didática à luz da Semiótica. Segundo Barthes, “forma” [a visualização] e “conteúdo” [o sentido] são duas faces constitutivas do mesmo fenômeno, como no caso dos dois

lados da mesma folha de papel: Corte um lado e o outro será afetado (BARTHES, 2006).

Segundo Arruda, onde se vê a forma lá está o conteúdo (ARRUDA, 2010). Assim, para poder se falar de ética, sobretudo, de ética cristã, é necessário entender, via conscientização em Cristo Jesus, aquilo que é intencionalmente comunicado na Mensagem em termos de forma e de conteúdo, tratando-os de maneira conjunta.

A comunicação faz parte da vida secular e cristã. É possível ler a Bíblia com base na História da comunicação de Deus para com o homem e entre homens num contexto político-cultural, havendo revelação divina crescente, requerendo cumulativa conscientização humana (fruto do Espírito) da *Missio Dei*. Destarte, Jesus é o Diálogo vivo e a Mensagem plena entre Deus e a criação, a partir daqueles que nEle creem.

## 5 DOENÇAS QUE ADVÊM DO PROLONGAMENTO DE CAUSA NÃO TRATADA

197

A vida comunicada pela rede de computadores pode causar doenças oriundas do prolongamento de causas não tratadas. Segundo Louise Lynn Hay na obra “Você pode curar sua vida”, as doenças advêm do prolongamento de uma causa não tratada, tais como: (1) **ansiedade**: Sem confiança no fluxo e no processo da vida; (2) **diabetes**: Tristeza profunda; e (3) **pressão alta**: Problema emocional duradouro e não resolvido, dentre outras doenças (HAY, 2017). Então, surge a pergunta: Trato logo a causa de meu problema, ou vou priorizando a minha conexão digital?

Segundo José Crippa, a **nomofobia** é uma ansiedade típica e prolongada de usuários que não conseguem se separar de seu *smartphone* ou do computador, por causa das constantes atualizações de rede (CRIPPA, 2017). A saber, qualquer um pode ter um martelo, mas o martelar um prego (forma) não é para todos: Requer consciência, objetividade, sobretudo, intenção focada no tempo de pregar (Ec 3:1-8). De outra forma, o martelo (conteúdo) pode virar uma arma contra quem o utiliza e/ou contra terceiros.

Segundo estudos psicológicos de Maria Sayeg, existem oito sinais do uso

patológico (inconsciente) da rede (SAYEG, 2000): **1)** incapacidade de controlar o uso da *internet*; **2)** necessidade de se conectar mais vezes; **3)** acessar a rede para fugir dos problemas ou para melhorar o **estado de ânimo** [grifo meu]; **4)** pensar na *internet* quando se está *off-line*; **5)** sentir agitação ou irritação ao tentar restringir o uso; **6)** descuidar do trabalho, dos estudos ou até mesmo dos relacionamentos pessoais por causa da rede; **7)** sofrer pela abstinência; e **8)** **mentir** [grifo meu] sobre a quantidade de horas que passa conectado e/ou permanecer muito mais tempo do que o previsto.

## 6 O QUE É RELACIONAMENTO?

O indivíduo na rede não é completo (não é corpóreo), e toda referência a este é relativa, fragmentada e não presencial, e, a partir disso, continuamente são confundidos os conceitos de: “pessoa”, “relação” e “sociedade” com os de: “contato”, “conexão digital” e “rede”, respectivamente. A Bíblia revela que o homem é um ser completo formado pelo espírito, alma e corpo (1Ts 5:23; Hb 4:12; 1Co 6:19), sem o tratar como fragmento, ou o desassociando de seu todo. Ao insistir na fragmentação do ser completo, velhas heresias vão sendo retomadas com o novo da rede.

O relacionamento humano é vivo, real, afetivo, emocional, intelectual e não fragmentado que se realiza no presencial contato com o outro. O “relacionamento”, portanto, não é aplicável à rede. A rede não é um lugar onde as pessoas possam se encontrar e se relacionar. Segundo Bauman, **a rede é um não-lugar** (BAUMAN, 2001). Logo, no ambiente virtual, há seletivos contatos em conexão digital via rede, enão pessoas se relacionando em sociedade.

### 6.1 A GESTÃO DA APARÊNCIA

O conteúdo da rede, em especial das redes sociais, apresenta distorções da felicidade do indivíduo capturada em *selfies* ou em outra maneira de registro eletrônico de incentivo à forma, positivando ilusões em usuários sustentados por “likes”, ou outro tipo de aprovação eletrônica à “**gestão da aparência**” - o tudo

mentir em prol do registro perfeito. Na rede, a “verdade” não é mais a absoluta, mas proporcional ao número de “likes” recebida, típico da sociedade líquida de Bauman.

O cristão precisa ser o **verbo de ligação consciente** para com o seu próximo. Ir muito além do apenas parecer ético, mas efetivamente: Ser, estar, ficar, andar, permanecer, tornar-se, viver, e continuar consciente de suas responsabilidades e de seus deveres para com o homem ético cristão e de vida transformada. Dessarte, a Igreja não pode viver sob a gestão da aparência (na rede ou não), isto é, deixar de continuamente comunicar vida e de tê-la em abundância em Cristo Jesus (Jo 10:10b).

Novas Tecnologias de Informação e de Comunicação (TICs) clamam um uso ético, porém sem o atrativo da atenção (2Co 4:2). Não há ética sem o uso consciente da rede, e, sem ética, sobretudo cristã, não há presença do Espírito Santo, falhando desde o discernimento (espiritual) das coisas, até o anunciar e viver (a sã doutrina).

199

## **7 A IMAGEM DA IGREJA**

A Igreja cristã deve anunciar o Evangelho de Jesus, a Palavra Viva de Deus. Entretanto, há muitas denominações onde lá pode o que o Evangelho proíbe! Trata-se do anúncio do evangelho barato citado por Bonhoeffer (BONHOEFFER, 2018). Eis o campo ideal para atuação da Igreja-Empresa, como será visto mais adiante. A saber, há contaminações na Palavra e no louvor, transformando o altar da Igreja em palco ou em balcão de vendas, num cenário de total falta de ética, sobretudo, cristã.

A Igreja centrada coloca o Evangelho no centro e o centro é o lugar do equilíbrio (KELLER apud REIS, 2015). O Renovo em nossa vida não se limita apenas ao avivamento na Igreja. Antes, traz respostas a este mundo e o serve. É a Igreja além-portas servindo a Deus, mas também servindo aos irmãos e à comunidade local, especialmente, ao grupo de vulneráveis - o pobre, a viúva, o órfão e o estrangeiro.

Bauman afirma que a forma da modernidade não é mais limitada às

estruturas fixas e de comportamento bem conhecido, mas sim é líquida e flexível, de tal maneira que lembra o comportamento da contenção de um líquido, isto é, da forma “líquida” contida e sendo moldada pela própria forma do recipiente: Cúbica, se limitada por um cubo; cônica, se limitada por um cone; esférica, etc. A forma líquida onde está imersa a cultura da geração pós-moderna é caracterizada por ter uma dimensão volátil (amorfa). Não havendo referências, as pessoas se tornam protagonistas do seu próprio destino. As questões sólidas e duradouras não existem mais. Há impactos na família e no papel da autoridade, que em nome da liberdade tudo relativiza: Aspectos relacionais, criação de filhos, durabilidade das coisas e a aceitação de Deus.

### 7.1 A IGREJA-EMPRESA

A Igreja não é “opção” no mercado da fé. Porém, na pós-modernidade líquida, é esperado a melhor prestação de serviço da Igreja, de tal forma que o Evangelho deva estar alinhado com a vontade do indivíduo, e não o contrário. Isto é lamentável, e leva à pergunta: Como edificar uma Igreja sólida na sociedade líquida?

200

Sem a experiência em Cristo Jesus (forma), ou desconsiderando o conteúdo da Mensagem da morte de cruz, corre-se o risco da desconstrução do modelo tradicional de fé (a falta da mente de Cristo implica na falta de consciência no Evangelho), permitindo o surgimento e ação da “Igreja-Empresa”, isto é, a Igreja com mais caráter de organização do que o de organismo: Torna-se atrativa à sociedade líquida, pois apresenta “a Rocha” como sendo “líquida”. A saber, a “Igreja-Empresa” anuncia Jesus Cristo com objetivo econômico e antropocêntrico, pregando um evangelho barato para promover a si mesma, e agradando a grei, respectivamente.

## 8 A CULTURA DE MASSA

Desde a sua publicação em 1947, o livro “Dialética do Esclarecimento”, de Adorno e Horkheimer (ADORNO e HORKHEIMER, 1985), consagrou o termo

**Indústria Cultural** ao defenderem a autonomia da arte burguesa, criticam os meios de comunicação de massa e (sub)produtos (formas e conteúdos) por esses veiculados (ARRUDA, 2010). Argumentam os autores que a Indústria Cultural não deveria sofrer alterações para ser vendida para a massa, pois tais alterações implicariam numa SIMPLIFICAÇÃO DA FORMA E DO CONTEÚDO, sendo possível difundir uma ideologia negativa (e de ética anti-humana), precipuamente, como o nazismo e fascismo, e, por esta razão, decidem por combater a Indústria Cultural.

Segundo Morin, a **antropoética** é a ética propriamente humana, pois emerge da consciência da condição humana de ser indivíduo/sociedade/espécie (MORIN, 2007). A antropoética conserva o caráter trinitário desse circuito fazendo com que o ser humano se assuma enquanto humanidade dentro de sua cultura. É uma ética que está muito vinculada à Sociologia atual, visando “alcançar a cidadania planetária”.

Morin trabalha com a ideia do complexo, isto é, postula que tudo o que não se renova, degenera. Assim, todos nós, homens e mulheres, temos que desenvolver o tecido social que está enfermo, a fim de suportar a sustentabilidade humana.

201

## 8.1 CIBERCULTURA E AS GERAÇÕES Y E Z

As Igrejas estão inseridas na sociedade local e no mundo em constante mudanças na: Cultura, vida social, economia, política, construção da fé e da espiritualidade. Em tempos hodiernos, vivencia-se a cultura do descartável e do imediatismo, relevando para o segundo plano qualquer ética. Somos humanos, mas não temos culturas iguais. A Teologia do Novo Testamento dialoga com a cultura, e dialoga com a própria ciência da época. Por exemplo, o apóstolo Paulo, em Corinto, fala de: Lutas, correr e de olimpíada.

A cultura de massa nivela todos por critério comum, hipervalorizando o indivíduo em relação ao todo social, porém, de forma disjuntiva e sincrética: Nasce a **espiritualidade fluída**. Nesta, um dos objetivos é o de neutralizar o diferente, dispensando-o na distinção do campo religioso, social, sexual, etário e ético.

Com a popularização do uso do microcomputador nos anos 80, e a consolidação do uso de redes nos anos 90 do século XX, nascia a Cibercultura, a cultura da *internet*. Segundo Pierre Lévy, a Cibercultura está intimamente ligada ao campo das relações sociais, aos trabalhos intelectuais, artísticos e éticos da humanidade, sendo (auto)administrada na rede de redes - o Ciberespaço (LÉVY, 2001). A Cibercultura flui no contínuo das ideias, nos objetos comunicados [acrescento: Texto, áudio e vídeo], e nas ações que ocorrem num paralelismo intrínseco e **hiperconectado** da rede. Neste cenário, cria-se um ambiente ideal para a produção de novos saberes, tais como: Aplicativos, redes sociais, *sites*, e etc.

Em contraste, a massa jovem perdeu o referencial de trabalho, de estudo e de família. Percebe-se um choque de gerações, tipicamente entre os “nativos digitais” (gerações Y e Z) com os “imigrantes digitais” (demais gerações que necessitam de certa adaptação para o uso saudável das ferramentas digitais) da cultura digital (PRENSKY apud TODOESTUDO, 2021). As gerações Y (nascidos entre 1981-1996, inclusive) e Z (nascidos entre 1997-2010, inclusive) não perseveraram, mudando de foco segundo as suas questionáveis interpretações. Assim, há perdas na área profissional, espiritual e acadêmica: É construída uma espiritualidade gnóstica, fluída, e no âmbito do politicamente correto, fomentando uma cultura de corrente filosófico- religiosa sincrética e antropocêntrica (Pv 25:14). Todavia, a espiritualidade não fluída se formata e se completa nos Evangelhos: A Palavra de Deus em Cristo Jesus que nos faz operar na *Missio Dei* inspirados pelo Espírito Santo (Gl 5:16-17).

202

## **9 CIBERGRAÇA – UM OLHAR CRÍTICO**

Será feito um olhar crítico acerca de Cibergraça, valendo-se da dissertação de mestrado em Teologia Sistemática da PUCRS: “Cibergraça: Fé, evangelização e comunhão nos tempos da rede” de Aline Amaro da Silva, 2015. Segundo Silva:

Delimita-se o tema em Cibergraça entendida como a **comunhão** [grifo meu] entre as pessoas nos tempos da rede. Primeiro, aprende-se o Ciberespaço como um lugar profundamente antropológico onde se pode

refletir teologicamente. [...] A rede afeta ou potencializa a relação de comunhão entre as pessoas, em especial com a juventude, público predominante no Ciberespaço. Além disso, analisa o valor eclesiológico da internet na missão de evangelizar todos os povos, construindo a relação entre evangelização e comunhão na era digital (SILVA, 2015, RESUMO).

Silva limita-se a definir “Cibergraça” como “entendimento de comunhão”, isto é, não afirma que esta comunhão na rede seja a mesma de base bíblica. Eis o **primeiro pilar** deste trabalho acerca de **ética cristã na internet**. Não há comunhão bíblica na rede de computadores. À exceção de um **Propósito de Deus** (Nm 22:25- 31), a rede não é espiritualizada, mas meramente é informacional o tempo todo.

Na obra de Silva, não há respostas objetivas às questões: **(1)** Como realizar o IDE e fazer discípulos em todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo na rede?; **(2)** Como “ceiar” com os irmãos, partindo o pão e bebendo o vinho em memória de Jesus na rede? e **(3)** Como plantar e manter Igrejas na rede? Segundo Silva, “Não existe dualismo entre mundo real e digital, ambos fazem parte de uma mesma realidade.”. Eis a **primeira base da Cibergraça – não distinguir a realidade da virtualidade**: Não só chama a atenção da ética cristã, como também fundamenta um olhar crítico nas assertivas da Ciberteologia.

Silva postula que: “A graça que habita neste espaço antropológico [sic], vislumbrando a rede como dom de Deus para a humanidade, como um lugar onde pode se encontrar a Deus, mais ainda, uma morada de Deus entre os homens.” (SILVA, 2015).

Certamente não é levado em conta que na rede não há pessoas propriamente ditas, e sim representações digitais da personalidade, virtualizações, um faz de conta, e que este “espaço antropológico” **é um não-lugar**: Intangível, de mentira, como se assim fosse, aparente e somente “existe” enquanto conexão digital. Silva não só falha na definição de pessoa, como também na de espaço geográfico real, “materializando” os pontos e elementos de rede como pessoas se relacionando em geolugares:

A rede, em termos estruturais, consiste num sistema de pontos ou nó interligados. Cada ponto dessa rede é uma pessoa [sic], e cada pessoa

possui conexões próprias com diferentes outros nós. Então, cada pessoa é uma rede social. Por isso, quando se fala na rede se remete ao conjunto dessas redes, a rede de redes [acrescento: o Ciberespaço] que compartilham dados entre si. (SILVA, 2015, p. 18).

Silva conclui afirmando que o Ciberespaço é um “espaço ético *hacker*”:

“*Hacker*” é o sujeito que se esforça para superar criativamente desafios intelectuais nos campos de seu interesse. [...] O bem comum não se restringe a um bem-estar econômico, ele só existe quando ultrapassa a história e vai ao encontro do bem comum universal da humanidade e de toda a criação, ao Sumo Bem, Jesus Cristo. Assim, compreende-se uma conexão entre os objetivos da ética *hacker* e a busca pelo bem comum, base fundamental de uma verdadeira ética cristã na era da cultura digital. [...] O Ciberespaço pode ser compreendido como uma **tentativa** [grifo meu] de construir um substituto tecnológico para o espaço cristão do Céu, mesmo que o ambiente digital não tenha um sentido religioso em si mesmo e tampouco seja produto de um sistema teológico (SILVA, 2015, p. 26; 28-29).

## 9.1 A INTERNET COMO “LUGAR TEOLÓGICO”: CIBERTEOLOGIA

Enquanto lugar teológico, “a rede deve ser encarada como ‘dom de Deus.’” (SILVA, 2015, p. 40). A falta de meditação acerca de tal citação que pode circular pela rede, em termos de Cibergraça, transforma a verdade em Cristo na “verdade” humana, registrada pela esmagadora maioria de disseminação opinativa entre os contatos. **Eis a ética cristã sendo pisoteada pela informação e pela opção de rede.** Quem transforma e constrange o homem é a contínua ação do Espírito de Deus, e não a criatura. Entretanto, Silva afirma que é a rede na sua “realidade” (Ciberteologia):

A internet é um fenômeno antropológico sociocultural, um ambiente de comunicação e de **relações** [grifo meu], de prática da fé e da espiritualidade dos seres humanos. Por ser um princípio ativo de **transformação** [grifo meu] da sociedade e da história humana, **a rede** [grifo meu] é uma realidade que não deve ser ignorada pela perspectiva teológica (SILVA, 2015, p. 41).

Tais afirmações se contrapõem à Palavra (2Co 3:18). A Ciberteologia afirma que a *internet* “**é um lugar**” [grifo meu]: Cristológico – onde “o Verbo se fez *bit*” (dígito binário em inglês; digital); Antropológico – onde a humanidade pode realizar o seu chamado universal; e Eclesiológico – onde a rede “transforma”, definindo-a como lugar teológico. Poucos são os teólogos que se importam com a

ética cristã na *internet*, ou com os **perigos da Ciberteologia**, dentre outros. A Cibercultura muda o nosso modo de pensar, porém, clamando por atenção ética, sobretudo, cristã. Segundo Farias:

A própria Teologia, que teve sua voz suprimida pela ciência moderna, hoje reaparece como uma modalidade que novamente e paulatinamente tem se tornado credível. Porém, ela experimenta de resquícios do avanço vivenciado na filosofia da linguagem e da interpretação. [...] A Teologia se coloca em movimento constante entre dois polos: A verdade eterna e seu fundamento, e a situação temporal na qual a verdade eterna deve ser recebida (FARIAS, 2017, p. 117-118).

A formação de opinião (subjetiva), a afetividade, a educação, a cultura, o desenvolvimento social, político e econômico, enfim, todas as atividades seculares que envolvem o homem no século onde ele se encontra não podem ser maiores que o fundamento bíblico, isto é, maiores que Deus. É necessário contextualizar e aculturar o Evangelho ao ponto de não o contaminar. A forma e o conteúdo de pregação da Palavra devem ter intenção cristocêntrica, e não antropocêntrica. Logo, não há base e nem elementos suficientes para afirmar que a Cibergraça tenha sustentação bíblica, mesmo considerando o seu profundo simbolismo. Segundo Silva:

A Cibergraça com uma ponderação sobre a internet na Bíblia, isto é, como podemos, **através de metáforas bíblicas** [grifo meu], discernir a rede sob a rocha firme da Palavra de Deus. [...] Trata do conceito de pessoa e de comunhão e a importância deles no entendimento da internet como rede mundial de pessoas e no modo em que a Trindade opera no mundo contemporâneo. Também aborda a **espiritualidade comunal** [grifo meu] que emerge da experiência humana no Ciberespaço (SILVA, 2015, p. 50).

A Ciberteologia trata a rede como se viva fosse, e a espiritualiza o tempo todo. Segundo Silva:

Em comparação com a estrutura da rede, é possível **intuir** [grifo meu] que esses mesmos fios que sustentam o aspecto comunitário da rede estão sendo “encorpados” por maldades e pecados pessoais, formando o pecado estrutural da rede. Assim como as gorduras nas veias vão obstruindo o fluxo no coração que mantém o corpo vivo, as **ações iníquas na rede** [grifo meu] vão impedindo a rede de ser e de **exercer seu dom** [grifo meu], causando rompimentos em vários pontos. [...] A rede está ganhando vida própria e se mutando em uma criatura super-humana. (SILVA, 2015, p. 53; 56).

Eu, analista de sistemas por formação, alerto que quando se ressalta a multidão por qualquer meio eletrônico, é perdido a referência aos seres humanos e ao individual, tratando-os como meros nós de rede. Por serem conexões interligadas, é impossível comparar ilusões criadas no mundo digital ao homem propriamente dito e suas relações. A Ciberteologia e suas ciberdefinições trata-se de confusão por não distinguir o real do virtual, gerando doutrinas estranhas. Por fim, a Ciberteologia entende algumas passagens da Bíblia como sendo em “linguagem simbólica”, carentes de significância e longe da exegese, não se referindo explicitamente às parábolas de Jesus, mas sim a uma conveniente “interpretação” bíblica para definir e justificar a sua base doutrinária na rede de computadores, tais como (SILVA, 2015):

- a) onde abunda o ciberpecado, superabunda a Cibergraça;
- b) o Espírito Santo pode fluir pelo Ciberespaço;
- c) e o Verbo se fez bit;
- d) os computadores **podem revelar** [grifo meu] novas facetas da humanidade, ajudando a elaborar novas compreensões de Deus;
- e) o Ciberespaço é a interface onde Deus pode chegar até nós;
- f) **a internet é chamada** [grifo meu] a ser uma ponte entre os seres humanos e também entre Deus e os homens;
- g) surge o conceito de uma **Igreja líquida**, isto é, uma eclesiologia que segue as correntes da Água Viva, a dinâmica do Espírito inserida na cultura líquida [grifo meu: A Igreja-Empresa?];
- h) **evangelizar na rede é testemunhar com as fotos que são colocadas, com seu sorriso** [grifo meu: Gestão da aparência?], coma sua própria vida em Cristo.

206

A Igreja é instituição divina neste mundo real e existe numa localidade. É a multiforme sabedoria de Deus, onde é manifesto os dons do Espírito Santo, sendo formada por pessoas e relações entre elas que almejam Cristo Jesus, o Cabeça e Dono. Já a rede, e em particular as redes sociais, não têm como se equiparar à Igreja, pois não é formada por pessoas em um lugar. A comunicação pela *internet* apenas informa, mas se realizada de maneira presencial, transforma. Eis o IDE ético e cristão sendo valorizado e realizado de forma consciente e intencional em Cristo Jesus.

## 10 A EVANGELIZAÇÃO PELA REDE

A rede a serviço de Deus é ética, consciente, e inspirada no Espírito Santo aponta para a realização da comunhão presencial. A saber, disse Jesus em comunhão presencial com os seus discípulos (Mt 18:1) em Cafarnaum (Mt 17:24): “Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles.” (Mt 18:20). Jesus não disse isto através de ninguém, muito menos via escrita de um amanuense – tecnologias possíveis à época. Isto posto, por telefone, rede ou outro meio não presencial não se tem como realizar o IDE bíblico, senão, no máximo, agir nos moldes da Capelania. A evangelização pela rede limita-se a informar acerca da Palavra, haja vista que inexistente o relacionamento real através da rede. Por fim, a rede não é espiritualizada, mas meramente é informacional o tempo todo.

Ainda que alguém pergunte: Como explicar a Mensagem de Paulo aos Colossenses no capítulo 2, versículo 5? “Pois, embora ausente quanto ao corpo, contudo, **em espírito**, estou convosco, alegrando-me e verificando a vossa boa ordem e a firmeza da vossa fé em Cristo.”. Realizando-se a exegese da perícopé, Paulo vem verificando, se alegrando, e “**concordando**” com a boa ordem e firmeza da fé dos irmãos “em Cristo Jesus” de Colossos, apesar de não estar presencialmente lá. Não se trata de “viagem astral” de Paulo e/ou outra heresia “em espírito”. Buscando-se a palavra grega utilizada nesta passagem, segundo o “Novo Testamento Interlinear Analítico: Grego-Português” (GOMES e OLIVETTI, 2008), é utilizado “**πνεύματι**” (espírito), e não “**Πνεύματος**” (Espírito), como em Mt 28:19. Logo, se encerra a discussão acerca do uso da fragmentação do ser completo (heresia) na Bíblia.

Um viver inconsciente, contraditório aos valores morais e éticos do Evangelho, inviabiliza toda e qualquer possibilidade de ser reconhecido como cristão, quanto mais como liderança espiritual dirigida por Deus. Assim é a nossa conduta, tolerante a todos e alinhada à Palavra. O apóstolo Paulo nos dá um alerta ao evangelizar: “Se o faço de livre vontade, tenho galardão; mas, se constrangido, é, então, a responsabilidade de despenseiro que me está confiada.” (1Co 9:17).

Conscientes da forma e do conteúdo, anunciando o Evangelho sem o

contaminar, é possível valer-se de um aplicativo eletrônico para a evangelização na rede, desde que objetive a reunião presencial do corpo, e não apenas permanecendo na rede o tempo todo. Se somos cristãos conscientes, a rede (*internet* e redes sociais) pode se tornar uma ferramenta (e não uma arma) na exposição inicial do Evangelho que culmine em comunhão presencial da membresia numa geolocalidade.

#### 10.1 ÉTICA CRISTÃ NA *INTERNET*: RECOMENDAÇÕES DE USO CONSCIENTE

- 1) levar o Espírito de Deus — postagens que despertam a busca por Jesus;
- 2) alimentar a fé — forma e conteúdo que discipule crescente na Palavra; e
- 3) congregar a Igreja — almejar congregação na Igreja local, não na rede.

Para isso, não basta à Igreja:

- a) ter uma página na *internet* atualizada (dinâmica e com fórum);
- b) escutar e/ou informar-se pelo *YouTube*, ou por *web rádio (podcast)*;
- c) oferecer rede(s) social(is) (incluindo-se aplicativo eletrônico próprio); e
- d) transmitir cultos pela *internet* (ao vivo, ou em seletivo acervo).

208

Uma evangelização consciente e objetiva (Rm 12:1) na rede de computadores começa com a comunicação ética, e que respeita a ética cristã à luz do Espírito Santo, sem contaminar o Evangelho (2Jo 1:9), indo além dos moldes da Capelania. Ao discipular a Palavra de Deus, é necessário continuamente discernir a sã doutrina das doutrinas estranhas (Hb 13:9) que circulam na *internet*, tais como a Igreja-Empresa e a Ciberteologia, sobretudo, visando a comunhão em geolocalidade (At 2:42).

## 11 CONCLUSÃO

Herança aristotélica, na qual a ética é caracterizada pela perspectiva teleológica – o fim, neste trabalho a ênfase recomendada é sobre aquilo que é bom, de forma prática e objetiva: A deontológica – o dever, de tal forma que o caráter e a ética possam ser definidos à luz da obediência a uma norma: A ética

cristã — deixando de abordar outros aspectos humanos e subjetivos em relação ao assunto.

O surgimento de novas mídias em novas tecnologias que permitem a interação humana, também cria um novo paradigma de comunicação da vida, regido pelas formas e pelo conteúdo daquilo que se intenciona dialogar através da rede de computadores, e, em especial, através dos aplicativos eletrônicos de rede social.

Por não existir relacionamento real na *internet*, mas uma aparência deste, iniciam-se vários processos de confusão. Um deles tem origem na credibilidade que se dá à forma como sendo uma condição existencial manejada à luz da fluidez de conteúdo — típico da sociedade pós-moderna líquida. E, neste cenário, justificam-se as palavras “**soli?ário**”, onde o metacaracter “?” pode ser um “d” ou “t”, e “**est?tica**”, onde agora o metacaracter “?” pode ser um “á” ou “é”.

Na era da informação acumulada pelas TICs, não é possível dar conta do volume de dados coletados pelos dispositivos que se controla, quanto menos entabular essa informação no processo de dar-lhe um (novo) significado, ou uma (nova) significância. É o excesso de informação ao indivíduo **solitário**, que não sendo tratado por sua continuidade no tempo, pode redundar: Nalgum problema de saúde, na nomofobia, na falta do ser **solidário**, e, dentre outros, num problema teológico. Eis que é necessário a conscientização acerca da informação disponível na *internet* à luz da intenção daquilo que se faz com ela: Um uso **estático** (firme na Rocha: Ético e cristão), ou **estético** (valorizado somente pela forma: Líquida, aparente e efêmera).

Segundo Dunbar (DUNBAR apud RO, 2020), a mente humana foi planejada por Deus para que tivéssemos um número em torno de 150 pessoas para relacionamento significativo. A palavra “amigo” (seguidores?), tal como a entendemos, é imprópria quando se refere a milhares de pessoas, seja na rede ou não.

A tecnologia pode até fornecer os meios para se informar à distância e promover uma conexão digital, com talvez até boa comunicação, mas o presencial e geolugar não devem ser suprimidos. O distanciamento social, potencializado pela pandemia do COVID-19, enquanto consequência de afastamento, é uma

categoria moral, e, para superá-la, é necessário a proximidade real e concreta. Para isto ocorrer, em termos de uso ético na *internet*, é necessário o uso consciente da rede, e, em termos de ética cristã, o uso consciente e intencional em Cristo Jesus.

Vive-se uma individualização do ser moral, que diante da responsabilidade de decidir, é questionado pela magnitude da autossatisfação e de consumo. A sociedade líquida busca contínua experiência pessoal, agregando em si uma flexibilidade que rejeita marcos e a impede de ultrapassar um grau mínimo de comprometimento. Para o mercado potencializado pela rede, o indivíduo é visto como um empreendimento genérico, carente de ser suprido em suas diversas necessidades. Neste cenário, o indivíduo é reduzido a um “não-ser”: Um cliente que paga pelo que consome, enquanto satisfeito. Se insatisfeito, existem outras flexíveis opções.

A Cibercultura é benvinda e necessária. Entretanto, a vida comunicada pela *internet* deve ser ética. Deve-se saber com o que se está lidando, e, em termos de mensagem, ir discernindo a intenção e a credibilidade, quanto à forma e conteúdo. Logo, a conscientização faz parte do processo de comunicar, e, portanto, da vida. Em se tratando de ética cristã, é necessário usar a rede como ferramenta, e não como uma arma ao anunciar o Evangelho. Para tal, a evangelização na rede necessita distinguir o que é ou não possível no ambiente virtual. A resposta está no campo real, apontando para uma comunhão presencial.

210

Enquanto ferramenta de evangelização na rede, é recomendado a informação da Palavra no sentido que aponte para Jesus, sobretudo, para que se congregue numa Igreja local, com comunhão em presencial discipulado, a fim de que o homem seja constrangido e transformado pelo Espírito Santo. Doutra forma, está-se diante da falha da ética cristã na rede, ou de uma ética cristã falha, permitindo a operação e a manutenção de doutrinas estranhas, tais como a Igreja-Empresa e a Ciberteologia.

A conscientização e a intenção de se comunicar devem ser chaves da ética, sobretudo, a comunicação da Palavra de Deus deve respeitar a ética cristã, seja presencialmente ou em rede.

Por fim, a recomendação dada aqui não é definitiva, e clama por novas respostas. Tais futuras respostas desde já são bem-vindas, e, como o aqui

postulado, primem pela forma clara e objetiva, não dando margem para que a Palavra seja contaminada em conteúdo, e, assim, potencializando as doutrinas estranhas. Urge o cristão agir como verbo de ligação consciente de Deus, praticando uma Teologia como Sabedoria (DIAS, 2005).

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. ;HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento: Fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ARRUDA, Maria A. P. **Forma e conteúdo**. Arte-educação, 2010. Disponível em: <http://alicearteducacao.blogspot.com/2010/11/forma-e-conteudo.html>. Acesso em: 20 ago. 2021.

BARTHES, Roland. **Elementos de Semiologia**. 16. ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix Ltda., 2006.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BÍBLIA. **Versão Almeida Revista e Atualizada**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BONHOEFFER, Dietrich. **Discipulado**. Sinodal, 2018.

COSTA, Thaís. **Quais são as redes sociais mais usadas no Brasil em 2019?** Marketing de Conteúdo, 20/09/2019. Disponível em: <https://marketingdeconteudo.com/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil>. Acesso em: 15 set. 2021.

CRIPPA, José A. **Nomofobia: A dependência do telefone celular. Este é o seu caso?** Veja – Blog Letra de Médico, 04/04/2017. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/letra-de-medico/nomofobia-a-dependencia-do-telefone-celular-este-e-o-seu-caso>. Acesso em: 28 ago. 2021.

DIAS, Silas B. Teologia como Sabedoria: Uma contribuição ao ensino da Teologia Sistemática. E-Reformatio. **Revista Eletrônica do Curso de Teologia da UniFil**, Londrina, n.1, 2005. Disponível em: [https://web.unifil.br/docs/revista\\_eletronica/teologia/2005/teologia\\_como\\_sabedoria\\_silas.pdf](https://web.unifil.br/docs/revista_eletronica/teologia/2005/teologia_como_sabedoria_silas.pdf). Acesso em: 15 set. 2021.

FARIAS, André. **Uma ética para o inverno: Ética cristã em tempos da modernidade líquida**. São Paulo: Fonte Editorial Ltda., 2017.

GOMES, Paulo S.; OLIVETTI, Odayr. **Novo Testamento Interlinear Analítico: Grego-Português - Texto majoritário com aparato crítico**. Cambuci, São Paulo:

Editora Cultura Cristã, 2008.

HAY, Louise L. **Você pode curar sua vida**. Rio de Janeiro: Best Seller, 2017.

LÉVY, Pierre. **A conexão planetária: o Mercado, o Ciberespaço, a Consciência**. São Paulo: Editora 34, 2001.

MORIN, Edgar. **O Método 6: Ética**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

OLIVEIRA, Édison de. **Língua Portuguesa**. Porto Alegre: Apostila do Curso Pré-Vestibular Universitário, 1985.

OMS. **Organização Mundial da Saúde**. Organização Pan-Americana da Saúde, 2021. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em: 18 ago. 2021.

REIS, Gildásio J. B dos. **Resenha** da obra “A Igreja centrada: Desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no Evangelho” de Timothy Keller. *Fides Reformata XX*, nº 1 (2015). Disponível em: <https://cpaj.mackenzie.br/wp-content/uploads/2020/01/Resenha-2-Igreja-centrada-Timothy-Keller-Gild%C3%A1sio-Jesus-Barbosa-dos-Reis.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2021.

RO, Christine. **Teoria de Dunbar: Somos mesmo incapazes de ter mais de 150 amigos?** BBC News Brasil, 24/11/2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/revista-52928245>. Acesso em: 18 set. 2021.

212

SAYEG, Maria E. M. **Psicologia e Informática: Interfaces e Desafios**. São Paulo: Conselho Regional de Psicologia, 2000.

SILVA, Aline Amaro da. **Cibergraça: Fé, evangelização e comunhão nos tempos da rede**. 139 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Faculdade de Teologia, PUCRS, 2015. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/5993/2/468444%20-%20Texto%20Completo.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2021.

TAROUCO, Liane R. *et al.* **Rede de computadores**. Wikipedia Foundation, 2021. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Rede\\_de\\_computadores](https://pt.wikipedia.org/wiki/Rede_de_computadores). Acesso em: 27 ago. 2021.

TAYLOR, Richard. S. **Dicionário Teológico Beacon**. Campinas: Casa Nazarena de Publicações, 1994.

TODOESTUDO. **Nativos digitais e imigrantes digitais: Referência aos termos de Marc Prensky na obra “Nativos Digitais, Imigrantes Digitais”**. 2021. Disponível em: <https://www.todoestudo.com.br/historia/nativos-digitais-e-imigrantes-digitais>. Acesso em: 25 nov. 2021.